

# O SÉCULO XXI E AS NOVAS PERCEPÇÕES DE AMEAÇAS À SEGURANÇA

*Capitão-de-Fragata Roberto Loiola Machado*

*O Capitão-de-Fragata Roberto Loiola Machado é, atualmente, aluno de Mestrado em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

## RESUMO

Vivemos no século XXI inseridos em uma Nova Ordem Mundial, onde as percepções de ameaças à segurança prevalecem. O fim da Guerra Fria fez o conceito de segurança e seus aspectos modificarem de uma forma significativa. A partir deste momento, o novo conceito permite considerar ainda o indivíduo como algo que exige uma intervenção de segurança. Então, estratégias pensadas e implementadas com o objetivo de neutralização e /ou combate das ameaças, tem adquirido uma outra arquitetura muito mais ampla.

Palavras - chave: Estratégia. Segurança Internacional. Defesa.

## ABSTRACT

We live in century XXI inserted in a New World Order where news perceptions of security's threats take place. A particular event made the concept of security and its pertinent aspects modified in significant way: the end of the Cold War. From this moment the new concept allows to consider even the single individual as something that requires action of securitization. Then, strategies thoughts and strategies implemented with the objective of neutralization and/or combat to the threats had acquired another specter, much more ample.

Keywords: Strategy. International Security. Defense.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir a segurança explorando aspectos pertinentes à sua configuração existente no século XXI. O universo de abordagens é enorme e a cada dia descobre-se um novo viés passível de análise. Portanto, o texto a seguir não pretende esgotar o assunto. O que foi estabelecido como objeto de estudo deve ser visto, acima de tudo, como um referencial para estudos complementares. Tendo como referência o século XXI, foi considerado importante discutir a existência de novas ameaças à segurança, indicar como elas são entendidas e, ainda, deixar claro como os Estados e a comunidade internacional estão reagindo e estabelecendo suas estratégias frente a determinados tipos de novas percepções de ameaças.

## A SEGURANÇA E O SEU NOVO ENTENDIMENTO

Vivemos hoje uma Nova Ordem Mundial<sup>1</sup>, e esta ordem carrega no seu âmago uma série de transformações – conceituais e estruturais. A segurança e seus aspectos pertinentes, por exemplo, possuem hoje um entendimento diferente. Conceitualmente podemos afirmar que no cenário internacional a segurança teve o seu sentido cognitivo alterado e ampliado. Isto não quer dizer que preceitos de securitização existentes e postos em prática no passado devam ser totalmente descartados, bem como não podem ser encarados como dogmas e/ou princípios imutáveis. Eles devem ser revistos para depois serem mantidos e/ou modificados e/ou abandonados. Segundo Vidigal “os estudos sobre segurança ganharam impulso pelos fatos ocorridos ao se aproximar o fim da Guerra Fria e as conseqüências deles”.<sup>2</sup>

A Guerra Fria teve o seu final decretado em 1991 com o colapso da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Era um termo usado para descrever um clima de hostilidade, rivalidade e disputa desenvolvido entre dois blocos antagônicos: o oriental, de maioria comunista, e o ocidental, de maioria não comunista. Este período ficou caracterizado, entre outros aspectos, pela existência do conceito de MAD (*Mutual Assured Destruction* - Mútua Destruição Assegurada) que envolvia as duas maiores potências mundiais – Estados Unidos da América (EUA) e URSS –, e se configurou durante muito tempo em uma ameaça recíproca para ambos os países e, de certa forma, uma ameaça também para a sobrevivência da humanidade. A qualquer momento, soviéticos poderiam atacar norte-americanos usando armas nucleares, ou vice-versa. A uma ação deste tipo encetada por um dos dois Estados mencionados levaria a uma resposta imediata do outro, gerando, por conseguinte, à destruição de ambos, e provavelmente do mundo inteiro. Além disso, era uma época em que EUA e URSS polarizavam disputas em vários campos – militar, político, espacial etc. Segundo Vidigal “sabia-se quem era o inimigo, (...), avaliava-se com certa precisão o grau de ameaça que ele representava”.<sup>3</sup> Com o fim da Guerra Fria as ameaças foram ficando “mais difusas, dificilmente podendo ser relacionadas com o espaço geográfico, com um dado Estado”.<sup>4</sup>

A partir de 1991, portanto, determinados temas relacionados à segurança ganharam mais espaço nas relações entre os Estados. Dentro deste contexto podemos citar, por exemplo, o terrorismo, as agressões ao meio ambiente, o crime organizado e o desarmamento. Dessa forma, estudos de segurança não podiam mais se restringir somente a aspectos militares como vinha acontecendo, era necessário reavaliar essa questão. E ainda mais: “a possibilidade de desmilitarizar as relações (*de segurança*) internacionais passou a fazer parte do debate”.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Esta Nova Ordem Mundial foi engendrada entre 1989 e 2001 e vem sendo consolidada desde então. Segundo Condoleeza Rice, secretária de Estado do Governo Bush: a queda do muro de Berlim (1989) e a queda do *World Trade Center* (2001) representam o início e o fim de um longo período de transição.

<sup>2</sup> Armando A. F. VIDIGAL, *As Relações Internacionais sob a perspectiva da segurança*, p. 133.

<sup>3</sup> Armando A. F. VIDIGAL, *A Missão das Forças Armadas para o Século XXI*, p. 102.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 102.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 133.

A segurança é definida pela Política de Defesa Nacional (PDN) como sendo:

a condição que permite ao País a preservação da soberania e da integridade territorial, a realização dos seus interesses nacionais, livre de pressões e ameaças de qualquer natureza, e a garantia aos cidadãos do exercício dos direitos e deveres constitucionais.

Nota-se, desde já, um aspecto importante da segurança: ela é uma condição. E isto permite percebê-la como um sentimento, uma sensação. Ademais, vários são os fatos e/ou transformações surgidas no cenário internacional que obrigam a realização de uma revisão e/ou expansão do sentido cognitivo que cerca a palavra segurança. O Instituto de Pesquisas sobre o Desarmamento da Organização das Nações Unidas apresentou um conceito mais amplo:

Segurança é uma condição na qual os Estados consideram que não há perigo de ataque nuclear, pressão política e coerção econômica, de modo que possam, livremente, buscar o seu próprio desenvolvimento e progresso. A segurança dos indivíduos e das comunidades que compõem os Estados é assegurada pela garantia do exercício da liberdade e dos direitos políticos, sociais, e econômicos individuais, bem como pela preservação ou restauração de um meio ambiente saudável para as gerações presentes e futuras.<sup>6</sup>

Estudando as percepções de ameaças à segurança é lícito afirmar que antes do período de transição responsável pelo surgimento da Nova Ordem Mundial – 1989 a 2001 – elas eram vistas e encaradas de forma diferente. Havia uma dissociação clara entre Estado e indivíduos como alvos de ameaças. Ameaças eram assim classificadas quando podiam atingir Estados e exigiam uma ação militar para a sua manutenção ou restauração. Hoje o universo de ameaças se aproximou mais do cidadão comum. Existe a nítida percepção de que a qualquer momento você e/ou seus familiares podem de alguma forma ser afetados por atos que possam provocar uma sensação de insegurança. E mais, no século XXI todos, e não somente militares e políticos de alto escalão, são responsáveis por discutir e implementar ações que objetivam neutralizar ameaças.

Historicamente podemos afirmar que ameaças à segurança dos Estados sempre existiram e sempre se configuraram em preocupação de governantes. Barry Buzan afirma que poucos anos antes do final da Guerra Fria existiam três diferentes visões em relação aos estudos de segurança: a abrangente (*widener*), a tradicionalista e a crítica.

A visão abrangente, que serve de base para este trabalho, entende que a segurança internacional, sua manutenção em níveis satisfatórios e seus estudos pertinentes não devem levar em conta somente os Estados e seus aspectos militares. A sensação de segurança é, na verdade, afetada por múltiplas ameaças, e estas podem ter diversas origens: militar, política, econômica, ambiental etc. E que questões basicamente domésticas acabam por refletir nas relações internacionais, sendo então de bom alvitre a inclusão dessas questões quando da realização dos estudos

---

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 77.

de segurança. A perspectiva abrangente considera ainda o indivíduo como a unidade básica das análises de segurança, o que implica em considerar a segurança individual como questão legítima das relações internacionais.<sup>7</sup>

As novas percepções de ameaças têm hoje um outro espectro: suas fontes e/ou origens são bem mais amplas, não se restringem mais as que emanam de outros Estados. Além disso, são reconhecidas de outra forma e atingem a sociedade em múltiplos aspectos.

As ameaças que não tardaremos a enfrentar não podem ser facilmente categorizadas como agressões de Estados; de fato, pela primeira vez desde o nascimento do Estado, não há mais necessidade de uma estrutura estatal para organizar a violência em uma escala devastadora para a sociedade.<sup>8</sup>

Há, no entanto, um paradigma que, ao que tudo indica, ainda permanece válido: aquele descrito por John Herz. Mais especificamente, Herz enunciou o conceito do “dilema da segurança”, que reflete o desejo dos Estados em buscar implementar ações, de qualquer natureza, com o objetivo de incrementar sua segurança ante as possíveis ameaças que possam alterar o seu *status quo* de securitização. Mas, como consequência destas ações, outros Estados passam a se sentir inseguros e ameaçados, e tentam equiparar-se ao nível de segurança atingido pelo outro implementando atos que possibilitem um incremento de sua sensação de segurança. Conforme explicitado por Sarfati a idéia do dilema é que “os Estados, ao agir em interesse próprio, devem se preocupar com a defesa de sua segurança independentemente da ação dos outros Estados, mas, ao agir dessa forma, levam insegurança aos outros Estados”.<sup>9</sup>

Em que pese a perenidade de certos conceitos como o dilema da segurança, no século XXI podemos afirmar que a sensação de insegurança já não é a mesma de antes, que ela é aquilatada de forma diferente por cada Estado e até mesmo pelos próprios habitantes das diferentes regiões do mundo.

Hoje o terrorismo é uma das principais fontes de ameaça e a que se faz presente em diversas partes do globo. Mas, além do terrorismo, há outras e de vários matizes: crimes transnacionais, imigração indesejada e ilegal, corrida armamentista etc. É justo afirmar, portanto, que as novas ameaças contam-se em dezenas e que um grupo específico de ameaças, as de origem econômica, parecem ter um grande peso na conjuntura do século XXI. Bobbitt afirma inclusive que:

Acredita-se que a maior ameaça aos Estados Unidos seja econômica – e, talvez porque estejam defendendo uma perspectiva estratégica, os partidários dessa corrente tendem a adotar um ponto de vista essencialmente mercantilista da competição econômica internacional.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> Armando A. F. VIDIGAL, *As Relações Internacionais sob a perspectiva da segurança*, pp. 133-134.

<sup>8</sup> Philip BOBBITT, *A Guerra e a Paz na História Moderna: o impacto dos grandes conflitos e da política na formação das nações*, p. 774.

<sup>9</sup> Gilberto SARFATI, *Teorias de Relações Internacionais*, p. 98.

<sup>10</sup> Philip BOBBITT, *op. cit.* p. 233.

Um outro tipo de ameaça, a ambiental ou ecológica, até recentemente não era vista como tal, ou melhor, “os problemas ecológicos, (...), não eram vistos tão imediatamente explosivos”.<sup>11</sup> E ainda:

uma taxa de crescimento econômico como a da segunda metade do breve século XX, se mantida indefinidamente (supondo isso possível), deve ter conseqüências irreversíveis e catastróficas para o ambiente natural deste planeta, incluindo a raça humana que é parte dele.<sup>12</sup>

Assim, a manutenção das condições ambientais satisfatórias ao desenvolvimento humano passa a ter grande importância, pois é a vida de concidadãos que corre perigo, e, dessa forma, tudo aquilo que possa de alguma forma ameaçar a continuidade de existência de um povo e/ou nação é entendido como algo que tem que ser combatido e/ou neutralizado. O objetivo maior da segurança é, portanto, a segurança humana, e a maioria das ações que visam à manutenção e/ou restauração da segurança nacional terão como objetivo final a sobrevivência do homem.

Até um passado recente as questões de segurança dos Estados eram fortemente centradas na manutenção da integridade territorial. Hoje, no entanto, elas são muito mais delicadas e abrangentes. Huntington cita, por exemplo, que os conflitos entre o “Ocidente e o Islã estão assim centrados menos em território do que em questões intercivilizacionais mais amplas, como a proliferação de armamentos, direitos humanos e democracia, migração, terrorismo fundamentalista islâmico e intervenção ocidental”.<sup>13</sup>

Em relação a este tipo de conflito - Ocidente versus Islã - Huntington aborda ainda, e de forma contundente, a presente atenção mundial com tudo aquilo que diz respeito ao comportamento dos muçulmanos. Ele relata que o crescente antiocidentalismo muçulmano foi “acompanhado por uma preocupação crescente com a ‘ameaça islâmica’, representada em especial pelo extremismo muçulmano. O islã é visto como fonte de proliferação nuclear, terrorismo e, na Europa, de imigrantes indesejados.”<sup>14</sup>

Teixeira da Silva menciona que as novas ameaças em sua essência caracterizam-se por ter origem em entidades desprovidas de características típicas do Estado-Nação, tais como território e população. E que, dessa forma, os agentes capazes de infligir ameaça se sentem mais livres para agir, pois a ação de revidar a qualquer ato causador de insegurança terá dificuldade em estabelecer um alvo claro e definido. Surge então o que convencionou-se chamar de Estados-rede, um novo tipo de entidade, típica da era da informação e que tem no Al-Qaeda o seu mais famoso protagonista.<sup>15</sup> Ainda segundo Teixeira da Silva, “as chamadas novas ameaças são mais difusas, furtivas e flexíveis do que o jogo tradicional nas relações internacionais”.<sup>16</sup>

<sup>11</sup> Eric HOBBSBAWM, *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914 – 1991*, p. 547.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 547.

<sup>13</sup> Samuel P. HUNTINGTON, *O Choque de Civilizações – e a Recomposição da Ordem Mundial*, p. 266.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 269.

<sup>15</sup> Francisco C. TEIXEIRA DA SILVA, *O Mundo, uma guerra depois: as relações internacionais depois da guerra do Iraque-II*, p. 111.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 111.

De outra forma, Ignácio Ramonet - “Guerras do Século XXI” - analisando as ameaças contemporâneas conseguiu visualizar e estabelecer uma importante relação entre medo e ameaças. O medo se altera em consonância com a ameaça: quanto maior é a ameaça, maior é a sensação de medo e quanto menor a ameaça, menor o medo. Esta relação é quase que óbvia, mas, ao torná-la clara, Ramonet possibilita incrementar o entendimento das percepções de ameaças. Dois exemplos: o medo do apocalipse nuclear se amenizou com o fim da Guerra Fria, bem como após a assinatura de tratados internacionais que proibiam a proliferação nuclear, e aumentou quando do progresso balístico alcançado por alguns países, notadamente Paquistão, Irã e Coréia do Norte. O aumento do medo resultante do desenvolvimento balístico e da disseminação das armas de destruição em massa é de tal monta significativo que levou inclusive o primeiro-ministro francês Lionel Jospin a declarar em 1999 estar pronto a estudar a modificação e a modernização do arsenal nuclear francês com o objetivo de impedir a materialização de uma ameaça contra seus interesses<sup>17</sup>

Em que pese o pensamento de Lionel Jospin e de outros políticos de que ameaças à segurança se resolvem e se combatem por meio de uso do poder militar e/ou com o emprego de armas, existe hoje a nítida percepção de que assuntos militares e uso de armas são apenas parte de um contexto bem maior, um contexto onde, como já dito, as origens são diversas e onde o modo de neutralizá-las também mudou. “Nós temos menos insegurança na esfera militar e mais insegurança em esferas pessoais e comunitárias”.<sup>18</sup>

Outro aspecto das novas ameaças tem a ver com a sua geografia: elas podem ter origem alhures, vir do exterior, ou, em muitos dos casos, ter origem dentro das fronteiras do próprio Estado, ou ainda, ser fruto de uma combinação de interesses externos com interesses internos. Os conflitos étnicos e os conflitos religiosos são exemplos de ameaças com fulcro e origem internamente aos Estados e que, às vezes, ultrapassam fronteiras.

O universo de ameaças presentes no século XXI e sua percepção como tais é então muito amplo e é até difícil aquilatar o que é ou o que não é ameaça. Além disso, as que se relacionam com o indivíduo alargam enormemente a lista de possíveis fontes ameaçadoras, pois incluem:

ameaça à sobrevivência (segurança humana), ameaça de drogas, etc. Logicamente, a inclusão de todos esses e outros temas na agenda de segurança internacional suscita a questão: **qual o limite para uma questão ser considerada de segurança?**<sup>19</sup> (o grifo é meu).

Assim é que tudo aquilo que possa se configurar em uma significativa ameaça à sobrevivência ao Estado, e mais especificamente à sobrevivência humana se consolida como ameaça. Portanto, os assuntos de segurança são aqueles que

<sup>17</sup> Ignácio RAMONET, *Guerras do Século XXI: novos temores e novas ameaças*, p. 155.

<sup>18</sup> Robert G. PATMAN, *Security in a Post-Cold War*, p. 93.

<sup>19</sup> Gilberto SARFATI, *op. cit.*, p. 51.

representam uma ameaça existencial para um objeto referente que pode ser um Estado, a sociedade e até mesmo um indivíduo. Nessa concepção, uma ameaça à segurança deveria ser analisada cruzando-se diferentes níveis de análise - sistema internacional, subsistemas internacionais, unidades, subunidades e indivíduos - com diferentes setores - militar, ambiental, econômico, social, político etc.<sup>20</sup>

## AS ESTRATÉGIAS DE SEGURANÇA

Quanto às estratégias usadas e/ou pensadas capazes de incrementar a sensação de segurança no século XXI é possível afirmar que não possuem uma formatação padrão. São pensadas e implementadas de diferentes formas. Ações militares, no entanto, são ainda vistas como as que combatem a sensação de insegurança com maior eficácia. Dessa forma, na busca da manutenção da segurança a guerra e suas estratégias pertinentes sempre desempenharam – e ainda desempenham - um papel de grande relevância. De fato, a questão da guerra e do uso do poder militar ainda permanecem como temas centrais das relações internacionais.

Na análise da guerra como estratégia de neutralização de ameaças, um importante conceito merece ser citado, aquele expresso por Immanuel Kant: a guerra visa à paz. E outro similar a este citado por Tucídides: “a guerra dá à paz sua segurança”.<sup>21</sup> As frases justificam, em parte, a ocorrência de guerras. Elas traduzem a idéia de que “diante do constante sentimento de ameaça – a insegurança -, às vezes se justifica uma guerra que poderia garantir uma paz segura (...), se justifica uma guerra que seja capaz de restabelecer os mecanismos de equilíbrio de poder”<sup>22</sup>

O conceito citado no parágrafo anterior pode ser exemplificado com a guerra dos EUA contra o Iraque que teve início em 2003. Na concepção dos dirigentes norte-americanos a manutenção do regime de Saddam Hussein significava a existência de uma paz insegura, pois, a qualquer momento nações poderiam ser ameaçadas se ele, Saddam, usasse as armas de que dispunha. Segundo Sarfati: “Dessa forma, seria justificável a neutralização do regime agressivo (*de Saddam*) de modo a trazer uma situação de verdadeira paz, ou seja, uma paz segura”.<sup>23</sup>

O motivo alegado da guerra do Iraque-II seria a existência de armas de destruição em massa em poder de Hussein. De fato, a posse de qualquer tipo de armamento potencializa a prática da violência e causa insegurança. No entanto, mesmo em situações em que há a desconfiança de posse de armas, a guerra e/ou ações do tipo estritamente militar podem não se configurar nas mais apropriadas a serem colocadas em prática a fim de se mitigar a sensação de insegurança.

Apesar de os governos possuírem a nítida percepção da predisposição de realização de atos violentos e ameaçadores pelo uso intensivo de armas, o fato de alguém possuir bombas e/ou qualquer tipo de arma não implica necessariamente na realização de uma ação armada para o alcance de sua neutralização. Em

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>21</sup> TUCIDIDES. *History of the Peloponnesian War*, p. 108.

<sup>22</sup> Gilberto SARFATI, *op. cit.*, p. 66.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 67.

determinados casos, procedimentos diplomáticos e/ou políticos objetivando provocar desarmamento tornam-se medidas capazes de inibir ações que possam vir a afetar a segurança. A comunidade internacional, mesmo durante a Guerra Fria, não esqueceu a importância da limitação da posse de armas como um fator que proporciona sensação de segurança, haja vista a elaboração em 1968 do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP).

Há ainda outras ameaças de significativa importância em que ações armadas desferidas em determinado ponto não são vistas como as mais apropriadas. O combate às ameaças de origem ecológicas e/ou ambientais, por exemplo. Neste caso, a negociação política parece ser a estratégia mais eficaz. Vejamos o caso do aumento da emissão de gases nocivos na atmosfera - principalmente o gás carbônico - e o agravamento do efeito estufa provocando o aquecimento da terra. A sensação de insegurança que isso causa é sentida em todo o mundo. Assim é que, tentando mitigar essa sensação, 150 países se reuniram em Kioto no Japão em 1997 e firmaram um Protocolo objetivando reduzir as emissões desses gases e assim garantir uma sobrevivência para os habitantes da terra. O Protocolo de Kioto serve para elucidar mais um aspecto da segurança: os Estados em suas políticas de securitização devem se aliar, sempre que possível, a outros na tentativa de buscar soluções que possibilitem combater as fontes de ameaças à segurança. Isso certamente cria uma sinergia que proporciona resultados de significativa relevância.

Embora haja muito mais que governos nacionais possam fazer para promover a segurança humana, políticas nacionais necessitam ser complementadas e incrementadas por meio de cooperação internacional. Isto é verdadeiro, por exemplo, no campo da governança global ambiental – onde a distância entre a retórica e a ação está aumentando.<sup>24</sup>

O movimento pela preservação ambiental é uma resposta de sobrevivência a uma crise planetária e as medidas necessárias para obstaculizar a degradação do meio ambiente podem assumir diversas formas, e ainda, podem ser enquadradas em pelo menos quatro modelos.

O primeiro deles se basearia em implementar atos alicerçados em conceitos pertinentes a um regime democrático legal, não-violento. Um segundo, mais atuante, ultrapassaria a fronteira estabelecida pelo primeiro e, de outra forma, os implementaria de tal forma e magnitude que poderiam ser enquadrados como ecovandalismo, e até mesmo ecoterrorismo. Outro conjunto seriam aqueles formados por grupos que são a favor do avanço tecnológico e econômico dentro de rigorosos limites ambientais e que acreditam, portanto, na capacidade humana de projetar tecnologias que usem menores quantidades de recursos naturais e que emitam menos poluição. Por último estariam os atos desenvolvidos por aqueles que podemos chamar de fundamentalistas, que acreditam que a solução está em lançar a sociedade no medievalismo e no ascetismo pré-tecnológicos.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Robert G. PATMAN, *op. cit.*, p. 103.

<sup>25</sup> Alvin. TOFFLER, *Powershift: as mudanças do poder*, p. 398.



Há ainda um outro tipo de ameaça já citada como uma das principais e que afeta o dia-a-dia de milhões de habitantes do globo: o terrorismo. William J. Perry<sup>26</sup>, em artigo da revista *Foreign Affairs* de 2001, afirma que o combate eficiente e eficaz ao terrorismo atual se faz com medidas encetadas pelos serviços de inteligência, e preferencialmente por meio de ações desenvolvidas em conjunto com vários países, principalmente com aqueles onde se encontram núcleos terroristas, e que, além disso, deve se combater de forma contundente as possíveis fontes estatais de financiamento deste tipo de ameaça. Nesse campo, segundo Perry, obter a cooperação da Rússia e da China talvez seja a tarefa mais importante e, ao mesmo tempo, a mais difícil.<sup>27</sup>

Haveria ainda uma série de medidas que poderiam ser descritas como inibidoras e/ou neutralizadoras das ameaças existentes no século XXI. Alguns países inclusive, percebendo a complexidade do tema, confeccionaram recentemente documentos abordando estratégias a serem colocadas em prática visando manter e/ou incrementar o *status quo* da segurança. EUA, Rússia e China são exemplos de países que já possuem esse tipo de documento<sup>28</sup>.

Portanto, as ameaças existentes no século XXI alargaram o seu espectro e suscitam a implementação de medidas estratégicas inovadoras com o intuito de combatê-las e neutralizá-las. Esta é uma realidade presente na Nova Ordem Mundial.

De outra forma, é necessário ainda ficar atento a evoluções e/ou modificações de ações já perpetradas visando causar insegurança. Niall Ferguson, em artigo publicado na revista *Foreign Affairs* de março/abril de 2005 – traduzido e publicado na revista *Política Externa* -, afirma que “todos nós sabemos que um outro 11 de setembro, talvez ainda maior, tem grandes possibilidades de vir a ocorrer, e que esse, de fato, é o objetivo estratégico de Bin Laden”.<sup>29</sup>

## CONCLUSÃO

A Nova Ordem Mundial que começou tomar forma no final do século XX engendrou o surgimento de uma série de transformações, e o conceito de segurança, ponto fulcral da análise realizada, pode ser citado como um que teve o seu sentido cognitivo alterado e ampliado.

Com o fim da Guerra Fria havia o entendimento e o consenso de que o equilíbrio do terror - baseado no conceito MAD - terminara e que o mundo ingressaria num período de paz, pois o conflito ideológico perdia a sua razão de existência. Infelizmente este tão almejado período não se concretizou e guerras continuaram a ocorrer. Além disso, ameaças dos mais variados matizes surgiram e foram percebidas como algo que se deveria combater e/ou neutralizar, e esse combate e/ou neutralização não mais se dá somente com o emprego de Forças Armadas, e sim, por meio de ações inovadoras e atípicas.

<sup>26</sup> Secretário de Estado norte-americano no Governo Bill Clinton.

<sup>27</sup> William J. PERRY, *Preparing for the Next Attack*, p. 37.

<sup>28</sup> Os EUA publicaram seu primeiro documento em 2002 e outro em 2005, e a Rússia e a China em 2004.

<sup>29</sup> Niall.FERGUNSON, *O Naufrágio da Globalização*, p. 43.

O alargamento do espectro daquilo que é percebido como ameaça deu-se devido à apropriação do conceito de segurança humana e, a partir daí, portanto, qualquer ato encetado capaz de causar sensação de insegurança no nível individual passou a ser considerado algo a exigir a atenção e a preocupação por uma grande maioria de Estados. Assim, é lícito afirmar que o número do que é percebido como ameaça é crescente e parece ter entrado na ordem do dia de todas as nações que estão preocupadas em garantir a sua sobrevivência. Existe a nítida preocupação de governantes em manter um nível satisfatório de segurança a fim de possibilitar a continuidade - no tempo e no espaço - de seu povo, território, e de seu próprio governo. Aos Estados cabe então repensar as estratégias capazes de se opor às novas percepções de ameaças.

Com o alargamento das fontes de ameaças esta tarefa, proporcionar uma satisfatória sensação de segurança, torna-se, no entanto, algo de consecução não muito fácil. Portanto, qual seria a melhor solução para nos precaver das novas ameaças? Morar num *bunker* subterrâneo parece ser um preço muito alto a se pagar. Dessa forma, nesse mundo inseguro em que vivemos a maior motivação deve ser a de nos mantermos vivos e tal qual os passageiros que embarcaram no Lusitânia<sup>30</sup>, tudo o que sabemos é que há uma possibilidade de ele afundar. Mesmo assim, zarpamos.<sup>31</sup>

## REFERÊNCIAS

1. BOBBITT, Philip. **A Guerra e a Paz na História Moderna**: o impacto dos grandes conflitos e da política na formação das nações. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
2. BRASIL, **Política de Defesa Nacional**. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/pdn/index.php?page=home>, acessado 20/07/2007.
3. COSTA, Luiz Sérgio da Silveira. Política, Estratégia, Defesa e Segurança: usos e abusos. Rio de Janeiro: **Revista Marítima Brasileira** 2º. Trimestre, 2003.
4. FERGUNSON, Niall. O Naufrágio da Globalização. **Política Externa**, vol. 14, junho/julho/agosto 2005.
4. HERZ, J. H. *Idealist internationalism and the security dilemma*. **World Politics**, v. 1, n. 2, 1950.
5. HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX, 1914 – 1991. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>30</sup> Navio britânico torpedeado pelos alemães em maio de 1915. O seu afundamento se configurou, segundo alguns estudiosos, em um dos motivos da entrada dos EUA na 1ª. Guerra Mundial.

<sup>31</sup> Niall.FERGUNSON, *op. cit.*, p. 43.

6. HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações** – e a Recomposição da Ordem Mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
7. PATMAN, Robert G. *Secutity in a Post-Cold War World*. New York: St. Martin's Press, 1999.
8. PERRY, William J. Preparing for the Next Attack. **Foreign Affairs**, vol. 80, nr 6, novembro/dezembro 2001.
9. RAMONET, Ignácio. **Guerras do Século XXI**: novos temores e novas ameaças. Petrópolis: Vozes, 2003.
10. RICE, Condoleeza. Por um Equilíbrio de Forças que favoreça a Liberdade. **Revista Eletrônica do Departamento de Estado dos Estados Unidos**, vol. 7, nr. 4, 2002. Disponível em <http://usinfo.state.gov/journals/itps/1202/ijpp/ijpp1202.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2006.
11. SARFATI, Gilberto. **Teorias de Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.
12. TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. O Mundo, uma guerra depois: as relações internacionais depois da guerra do Iraque-II. Rio de Janeiro: **Revista Marítima Brasileira**. 1º. Trimestre, 2004.
13. TOFFLER, Alvin. **Powershift**: as mudanças do poder. Rio de Janeiro: Record, 1990.
14. TUCIDIDES. *History of the Peloponnesian War*. New York: Penguin Books, 1972.
15. VIDIGAL, Armando F. A Missão das Forças Armadas para o Século XXI. **Revista Marítima Brasileira**. 4º. Trimestre, 2004.
16. \_\_\_\_\_. Armando F. As Relações Internacionais sob a perspectiva da segurança. **Revista Marítima Brasileira**. 1º. Trimestre, 2006.